

Ilha dos amores: Amores e amor

Diogo Leôncio

TRILOGIA DA OCUPAÇÃO FEIRA POPULAR

A – Olá, boa tarde! (Dois beijos)

– Desculpa o atraso mas um grupo extremista monárquico fez rebentar um carro bomba na Avenida da República. (Pausa)

– Como estás?

B – Bem... Mas aconteceu algo a alguém?

A – Não, nada. Mas diz, como está tudo?

B – Bem e contigo?

“How was the island, the sun and the sea? Tell me all about it (...) The most important thing first—any romance?” (Baccara, Parlez-Vous Français)

A – Foram bons os deleites na ilha. Mas aquela vida não é para mim...

B – Então?

A – O azul do mar, passado um pouco, torna-se numa enorme parede, asfixia, prende. É, é mesmo isso, torna-se uma prisão.

– Para além do mais os romances de verão ficam enterrados na areia mas não como a que se enterrou por vergonha, desalento, desespero.¹

B – Pois.

A – Houve amores de raspão. Mas os outros amores não.

B – “O amor é o momento que me dou, em que te dás.”

A – Sim, mas também é o que dura e leva à loucura. É o quotidiano; e é a Delilah que deixa de rir porque é esfaqueada (Tom Jones, Delilah); é a Telma que leva um tiro de caçadeira (Jonny Cash, T for Texas); é o Henry Lee que não a amou e não voltou para a outra (Nick Cave & The Bad Seeds Henry Lee).

(Olha para o vazio)

B – E a cama fria?

A – E a cama por fazer? E o pó nos móveis?

B – Depois da morte forma-se, em constelação, a união que não pode ser em vida.² Feliz de quem não passa pela vida das limpezas de casa-de-banho?

– Serve então a casa de banho para foder e não para limpar. O que se perde com vista a um infinito que não se pode ter a certeza que se vai ganhar, é isso?

A – Não sei.

B – Sei eu. (Olha com olhar penetrante para A)

1 Pensa-se aqui na história trágico-marítima e na canção desnaturada de Chico Buarque, amor pais e filhos.

2 Pensa-se aqui em Manuel de Oliveira.

– Tudo, digo-te, as duas coisas o infinito e o finito e o trabalho doméstico que não finda. “Para grandes males, água e sabão”³, não? Já não é assim?

A – Neste caso não sei.

B – Mais vale perder “a hora mais querida da curta vida que deus te deu”? (Hermínia Silva, *És livre*)

A – Disparate dos deuses, uns dão outros tiram. “Quem dá e tira vai parar ao inferno.” Mas quem não toma decisões fica à porta.⁴ Posso escolher não escolher mas neste caso não. Escolho não dar mais nem tirar depois.

B – Tens saudades minhas? Nossas?

A – Saudades do que já não é não querendo criar o que podia ser?

B – E o que é?

A – O que é, é infinito. Como as ninfas da ilha e como o quotidiano perpétuo.

B – Dás-me razão?

A – Dás-me a faca da manteiga?

(Pausa)

B – Os scones são bons. Melhores que os que fazes.

A – A compota daqui também ajuda.

B – Reparei há pouco que os barcos no lago estão abertos. O mundo a acabar e nós contra a corrente, parece-me uma boa actividade.

3 Lembra-se aqui João César Monteiro.

4 Pensa-se aqui em Dante.

A – O mundo não está a acabar, está a rebentar. Está por dias a chegada de um barco estrangeiro. Não sei o que vai mudar mas acho que algo muda.

B – Mas vamos remar um pouco depois?

A – Sim, seja.

(...)

B – Um jardim de ruínas.

A – Celebremos!

B – Como?

A – Sim, não foi a Suzanne que nos ensinou a olhar entre as flores e o lixo? (Leonard Cohen, Suzanne)

A – Ah ah ah. Isto está cheio de famílias. A procriação é um horror.⁵ Nesse caso, como em outros, não se ensinou nada, só se deram palavras ao que se sentia.

B – “Suzana, suzana, i’m crazy loving you.” (Art Company, Susanna)

A – Temos de ir num dos normais, já não há em forma de cisne. Queres um a remos ou pedais? Para mim tanto faz.

B – Remos, não?

A – Ok.

A – Só há a pedais. Deixa, compramos uma fartura e mantemos a mão livre para a comer. É pelo melhor.

B – Ok.

A – Tantos sem-abrigo.

⁵ Pensa-se aqui em Baudelaire.

B – Toma um guardanapo para limpares a boca.

A – Entra com calma se não isto tomba...

B – Tolice, estás agora a ensinar a missa ao vigário.

(...)

A – Vamos por aqui?

B – Não vamos pelas plantas, voltamos por aqui.

A – Fogo de artifício e agora?

B – Não, são morteiros...

A – Não gosto deste caminho, nem dos morteiros.

E pelo desconhecido e pelos medos, seguiram abraçados. Já se via a ilha dos patos.

O barco dos estrangeiros tinha acabado de chegar, os morteiros eram comemorativos.

FIM